

O TRÁGICO NA PEÇA *ÉDIPO REI* E NO ROMANCE *OS FILHOS DE HÚRIN*

Bruna Oliveira Ferraz*

Resumo: O presente artigo faz uma análise entre os aspectos trágicos da peça grega *Édipo Rei*, de Sófocles, e o romance *Os filhos de Húrin*, de Tolkien. O foco principal da abordagem incide sobre os personagens principais de cada obra: Édipo, da peça sofocliana, e o Túrin, do romance inglês. Os dois se assemelham na personalidade corajosa e colérica e também em alguns acontecimentos trágicos em seus destinos. Para isso foi utilizada a obra de Aristóteles, *Poética*, abordando seus conceitos e definições apontados como necessários a uma tragédia de estrutura mais perfeita, analisando se a estrutura trágica pode ser afirmada no romance.

Palavras-chave: *Os filhos de Húrin. Édipo Rei. Poética. Tragédia.*

1. INTRODUÇÃO

A proposta do trabalho a ser construído consiste em analisar os aspectos do trágico na peça grega escrita por Sófocles, *Édipo Rei*, e perceber a influência da tragédia grega na contemporaneidade presente no romance ficcional *Os filhos de Húrin*, do acadêmico, filólogo e escritor J.R.R. Tolkien.

O inglês Tolkien, doutor na área de Letras e estudioso da filologia, ganhou destaque na literatura fantástica com a criação de um extenso mundo baseado na mitologia nórdica, uma nova Terra-Média. Já em vida suas obras foram reconhecidas, sendo a primeira delas *O Hobbit*, história de fantasia infanto-juvenil, seguida da extensa e um pouco mais sombria *O Senhor dos*

* Discente do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: brunaoliveiraf@yahoo.com.br.



anéis. Diferentemente das obras tolkienianas anteriormente elencadas, a obra póstuma *Os filhos de Húrin* tem como personagem principal um herói trágico, Túrin. A personalidade e o destino trágico desta figura dramática nos remetem a Édipo, o famoso herói trágico grego.

Analisaremos, portanto, os aspectos trágicos essenciais relacionando os acontecimentos das duas obras. Em atenção às peculiaridades da estrutura de cada uma, peça e romance, deixaremos de lado os demais acontecimentos de *Os filhos de Húrin* não relevantes para a abordagem proposta. Utilizando os conceitos sobre tragédia, descritos na *Poética* de Aristóteles, abordaremos a obra *Os filhos de Húrin* e sua semelhança trágica com a peça sofocleana.

Em um primeiro momento do texto colocaremos os acontecimentos semelhantes em paralelos, para estabelecer o ponto de contato das duas obras. Em seguida, observaremos qual seria a definição de tragédia para Aristóteles. Em terceiro lugar, analisaremos a estrutura de um enredo trágico que constitui uma tragédia perfeita, a partir dos critérios elencados por Aristóteles. Após o desenvolvimento dos passos anteriores, teremos condições de responder a seguinte interrogação: a estrutura do referido romance pode ter o mesmo efeito de uma peça trágica?

2. SEMELHANÇAS DOS ACONTECIMENTOS ENTRE AS OBRAS

Para fazer um paralelo dos aspectos da tragédia no romance tolkieniano, essa parte do texto resumirá os momentos importantes das duas obras, se dividindo nas partes: Profecia; Infância; Descoberta e ações para fugir da profecia; Concretização da profecia; e, por fim, o Reconhecimento da fraqueza (*hýbris*). Nos próximos capítulos abordaremos os conceitos e definições de tragédia na *Poética*.

Os destinos dos heróis são pronunciados ainda na infância. Em *Édipo Rei* o oráculo de Delfos anuncia ao rei Laio a profecia de que seu filho será o seu assassino e se casará com a própria mãe, atraindo a ira divina para seu povo. Em *Os filhos de Húrin*, de modo diferente, é uma espécie de maldição lançada



por Morgoth, não prevendo os acontecimentos trágicos, mas anunciando que por toda a vida dos seus filhos seu pensamento e ódio o perseguirão:

Eu sou o Rei Mais Velho: Melkor, o primeiro e mais poderoso de todos os Valar, aquele que existiu antes do mundo e o fez. A sombra de meu propósito está sobre Arda, e tudo o que está nela curva-se lenta e seguramente à minha vontade. Mas sobre todos os que amas, meu pensamento há de pesar como uma nuvem de perdição, e há de rebaixá-los à treva e ao desespero. Aonde quer que vão, o mal surgirá. Quando quer que falem, suas palavras hão de trazer mau conselho. O que quer que façam, há de se voltar contra eles. Hão de morrer sem esperança, amaldiçoando ao mesmo tempo a vida e a morte (TOLKIEN, 2014, p. 68).

Na infância acontecem os primeiros atos que conduzirão à concretização da profecia nas duas obras. Laio, o Rei de Tebas, recebe a profecia do oráculo e, temendo que a profecia se realize, entrega o filho Édipo para que o pastor abandone-o para morrer nas montanhas. Com pena da criança o pastor entrega-o para um colega de outra cidade que o leva a Corinto. Assim os reis de Corinto adotam a criança como filho.

Já em *Os filhos de Húrin*, Húrin rei da Casa de Hador e pai de Túrin, ao enfrentar Morgoth (deus Valar caído e transmutado como um grande rei) é capturado como prisioneiro para observar a maldição lançada à sua família. Com o reino saqueado pelo exército de Morgoth, a rainha Morwen, mãe de Túrin (este já com nove anos), manda-o em refúgio para o rei elfo Thingol, que vive no reino oculto de Doriath. Os dois personagens ainda muito cedo são levados para longe de suas famílias, por motivação diferente dos pais, entretanto o afastamento ocorre por consequência da profecia e da maldição lançada.

A descoberta da profecia aparece na história de Édipo no 2º Episódio, Cena 2, quando Jocasta diz não acreditar em adivinhos, visto que, segundo a profecia, “seu filho com Laio viria para matar o pai”, mas, diferentemente disso, bandidos mataram Laio numa encruzilhada. Com o relato, Édipo se sobressalta, ao lembrar que matara um homem numa encruzilhada quando seguia para



Tebas. Porém, a descoberta de seu destino acontece, de certo modo, ainda na juventude, quando, duvidoso de sua origem, segue para Delfos e escuta do oráculo a profecia. Acreditando que Pôlibo e Mérope são seus progenitores ele foge para Tebas.

Já em Túrin a vontade de compreender seu destino se manifesta no desejo de vingar o pai e a decepção da distância de sua mãe e de sua irmã, a qual não conhece, pois a mãe a teve depois de sua partida. Fatos que o movimentam em toda a trama. Já adulto, ao encontrar o elfo Gwindor, este diz que nas terras de Andband corre o rumor da maldição que Morgoth impôs aos descendentes de Húrin. Túrin diz acreditar no rumor. Em diversos momentos da trama aqueles próximos a Túrin percebem seu destino trágico. O próprio Túrin ao longo dos anos vai reconhecendo as sombras que o cercam, por isso não duvida do que Gwindor diz sobre o rumor. Já na vida adulta Túrin adota nomes diferentes em locais que as pessoas não o conhecem na tentativa de renunciar seu destino.

Ignorando os avisos sobre seu destino impiedoso, assim como Édipo, ele acredita que pode mudar o próprio destino. Ainda na juventude, nos tempos de Doriath, ele parte para a floresta e vive no ermo, seguindo assim uma série de incidentes e acidentes provocados por suas ações às pessoas próximas e amigos. Sua maldição é obscurecida por sua teimosia e esta o leva a caminhos mais torturantes. A maldição não aparece por meio de magia ou manipulação direta de Morgoth, apenas as ações de Túrin são apresentadas no romance como suas infelizes escolhas que sempre o mantém nas trevas.

A concretização da profecia na peça acontece no momento em que, fugindo de Corinto, Édipo encontra os guardas de Laio e o próprio rei que o enfrentam. Mata o pai, sem saber se tratar do próprio progenitor, partindo assim para Tebas e casando-se com Jocasta. Um mensageiro chega a Tebas para anunciar a Édipo que o rei de Corinto Pôlibo morrera e que ele deveria assumir o trono. Querendo alegrar Édipo o mensageiro diz que este era filho adotivo de Pôlibo e que ele próprio recebera a criança do pastor tebano. Jocasta compreende que Édipo é, então, o filho que abandonara à morte e tenta impedir



as investigações. O pastor é levado a testemunhar o episódio e revela que recebeu a criança, que por pena entregara a um colega de Corinto. Édipo horrorizado promete não ver mais a luz do sol. O criado aparece e transmite a notícia da morte de Jocasta: suicidara-se, ao que parece, se enforcando. No romance, a concretização do destino trágico de Túrin ocorre no momento em que a jovem irmã que nunca conhecera consegue fugir com a mãe para Doriath. Não encontrando o filho, Morwen parte para procurá-lo nas terras de Nargothrond. Na floresta encontra Niënor que a seguia. Porém, antes disso, Túrin, em combate, sai de Nargothrond para lutar e ao voltar encontra Glaurung, dragão mandado por Morgoth para combate. Glaurung ao falar com Túrin lança um encantamento que o leva de volta a sua terra natal Dor-Lómin para encontrar com sua mãe e irmã. Ao chegar aos portões de Nargothrond os cavaleiros de Doriath encontram o dragão mandado por Morgoth, que desperta e causa temor nos cavalos dos elfos e da mãe e irmã de Túrin, fazendo-os se perderem uns dos outros. O dragão Glaurung encontra então Niënor e, reconhecendo-a como filha de Húrin, também lança sobre ela um encanto. A treva que se abate sobre ela a faz perder a memória. Ajudada pelo elfo Mablung, no meio da noite eles são atacados por orcs. Em estado de pânico ela corre sem parar pela floresta chegando às terras de Brethil, onde seu irmão se encontra.

Túrin que agora denomina-se Turambar encontra Niënor deitada sobre o túmulo de uma elfa que ele amara e, crendo ser um sinal, ele a acolhe. Sem saber o parentesco, dá a ela o nome de Níniel, que em elgo significa “Donzela das Lágrimas”. Sentindo um laço muito grande entre eles, depois da recuperação de Niënor os dois se casam. Aqui acontece a semelhança de incesto entre as obras.

Depois de um falso tempo de paz o dragão Glaurung volta para combate. Túrin o fere mortalmente, mas é atingido pelo veneno do dragão e também cai moribundo. Buscando notícias de Turambar (Túrin) Niënor procura-o e o encontra caído junto com o dragão, dando-os por mortos. O dragão em um último espasmo acorda e a cumprimenta como filha de Húrin. O dragão ainda diz que finalmente ela encontrou o irmão, e assim falece. Com sua morte suas



memórias voltam e, percebendo sua tragédia, Niënor se lança em um abismo, morrendo. Brandir assiste ao suicídio de Niënor sem conseguir impedi-la. Após encontrar Túrin e o dragão caídos considera Túrin também por morto e volta para avisar ao povo dos acontecimentos. Entretanto, Túrin não morrera, pois, quando Niënor o encontrou, curou-o com suas lágrimas ao fazer um curativo nos braços queimados pelo veneno. Ele só adormecia.

No momento em que descobrem a verdade sobre seus destinos os dois personagens reconhecem suas fraquezas. Édipo ao saber pelo pastor a realização da profecia anuncia:

Ai de mim! Ai de mim! As dúvidas desfazem-se! Ah! Luz do sol.
Queiram os deuses que esta seja a derradeira vez que te contemplo!
Hoje tornou-se claro a todos que eu não poderia nascer de quem nasci,
nem viver com quem vivo e, mais ainda, assassinei quem não devia!
(SÓFOCLES, 2013, v. 1386-1392)

Túrin ouve a verdade da voz de Brandir, mas não acredita e o mata. Ao encontrar Mablung pede notícias da família que está em Doriath e este o revela que sua família partira de lá há um tempo e fora para Nargothrond encontrá-lo. Reconhecendo toda a verdade, por fim, Túrin exclama “Não é uma piada? [...] Ó bela Niënor! Então ela correu de Doriath para o Dragão, e do Dragão para mim. Que doce golpe de sorte!”. Mablung estranha a descrição de Túrin sobre a irmã e afirma que ele não pode tê-la visto e Túrin exclama “Não posso, não posso, Mablung? [...] Mas por que não? Vê, sou cego! Não sabias? Cego, cego, tateando desde a infância numa escura névoa de Morgoth!” (TOLKIEN, 2014, p. 274). Passagem que nos lembra a fala de Édipo quando ao ver a esposa morta tira das roupas dela broches e fura os próprios olhos: “nas sombras em que viverei de agora em diante” “já não reconheceréis aquelas que não quero mais reconhecer!” (SÓFOCLES, 2013, v. 1508-1510). A alusão à cegueira nos remete a ignorância dos dois sobre aqueles a quem assassinaram e sobre o ato de incesto; Édipo, ao matar o pai e se casar com a mãe, Túrin, ao matar o amigo Beleg sem o reconhecer e se casar com a irmã. Outra passagem que nos lembra as trevas nas duas obras vem da fala de Édipo, na cena 2 do Êxodo:



Nuvem negra de trevas, odiosa, que tombaste do céu sobre mim, indizível, irremediável, que não posso, não posso evitar! Infeliz! Infeliz outra vez! Com que ponta aguçada me ferem o aguilhão deste meu sofrimento e a lembrança de minhas desgraças? (SÓFLOCES, 2013, v. 1556-1563).

Outro elemento semelhante entre as obras é quando Édipo, já rei, se vê diante de uma Tebas pestilenta e todos acreditam que esta é a insatisfação dos deuses. No romance, a casa de Hador no início da história é tomada por um vento pestilento denominado por “hálito maligno”, que faz muitos adoecerem e morrerem.

3. DEFINIÇÃO DE TRAGÉDIA SEGUNDO ARISTÓTELES

Aristóteles, em sua obra *Poética*, define que a tragédia é – assim como outras formas de poesias – uma *mímese*, uma imitação. A tragédia só se diferencia de outras artes imitativas pela forma como representa, ou seja, meio, objeto e modo. Essa imitação é a reprodução das ações do homem, seus vícios e virtudes, podendo então o poeta imitar ações semelhantes, melhores ou piores as quais observa, daí explica serem conhecidas por *drama*.

O filósofo diz que a imitação é algo natural nos homens desde a infância e que também sentimos prazer no imitar. Diferencia a imitação da comédia e da tragédia, sendo a comédia a imitação dos homens piores enquanto que a tragédia imita o homem melhor do que sua condição ordinária.

A epopeia é caracterizada como semelhante à tragédia por ter como meio as palavras, a métrica e caracteres virtuosos. A epopeia diferencia-se por ser uma narrativa e por sua extensão sem limites, já a tragédia dura “uma só revolução do Sol”. “Os elementos que a epopéia contém encontram-se todos na tragédia, mas os elementos da tragédia não figuram todos na epopeia”. Tal abordagem pode nos fazer crer que *Os filhos de Húrin* se enquadre como uma epopeia, por conta da sua narrativa e extensão. Porém, são seus acontecimentos



essenciais – o objeto e o meio – que utiliza que fazem com que ela seja caracterizada como tragédia. Como tentaremos analisar no próximo capítulo.

A tragédia é a imitação de uma ação elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes, que se serve da ação e não da narração e que, por meio da compaixão e do temor, provoca a purificação de tais paixões (ARISTÓTELES, 2011, 1449b 24-28).

A “linguagem embelezada” é entendida por Aristóteles como aquela que tem ritmo, harmonia [e canto]. As “formas diferentes” são as partes executadas por metros e outras, incluindo o canto. Outros elementos são a música e a elocução, pois é a partir deles que é possível a imitação. Uma vez que a imitação trágica é realizada pela atuação de pessoas, ele considera que, como tais, são diferentes no carácter e no pensamento: “é por causa destas acções que todos vencem ou fracassam”.

O enredo, ou seja, a estruturação dos acontecimentos, será considerado como o mais importante de todos, o princípio e alma da tragédia. É nesse momento das ações que por meio da compaixão e temor se provocará a purificação – *catarse* – das paixões no espectador. Segundo Aristóteles, todos estes elementos devem fazer parte de uma tragédia perfeita que, por sua vez, deve suscitar na pessoa que assiste a imitação. Analisaremos sua estrutura detalhadamente no capítulo 4.

4. ESTRUTURA E CONEXÃO DOS ACONTECIMENTOS

Aristóteles define que é necessário que a tragédia contenha seis partes: o enredo, caracteres, elocução, pensamento, espetáculo e música. É nesse contexto que ele afirma que o enredo é o princípio e alma da tragédia:

Mas o mais importante de todos é a estruturação dos acontecimentos. É que a tragédia não é a imitação dos homens mas das acções e da vida [tanto a felicidade como a infelicidade estão na acção, e a sua finalidade é uma ação e não uma qualidade: os homens são



classificados pelo seu carácter, mas é pelas suas acções que são infelizes ou o contrário]. Aliás, eles não actuam para imitar os caracteres mas os caracteres é que são abrangidos pelas acções. Assim, os acontecimentos e o enredo são o objectivo da tragédia e o objectivo é o mais importante de tudo. Além disso não haveria tragédia sem acção, mas poderia haver sem caracteres (ARISTÓTELES, 2011, 1450a 15-25).

O todo da tragédia, na *Poética*, se definirá por seu princípio, meio e fim, pois a dimensão da estruturação dos acontecimentos não pode surgir do acaso. Sendo a dimensão a duração do enredo, define-se pela reunião do princípio da verossimilhança, da necessidade e a sequência dos acontecimentos, que partem da infelicidade para a felicidade e ao contrário. Um personagem executa diversas ações na vida e o enredo é a imitação de uma ação única, ou seja: as ações que retiradas não interfiram no enredo, pois não fazem parte do todo.

A função do poeta não é contar o que aconteceu, mas permanece em contar episódios que poderiam ocorrer de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade. Diferencia-se, assim, de um historiador. Isso caracteriza para Aristóteles o carácter filosófico mais elevado da poesia.

Recorda também que há peças que tanto os fatos quanto os nomes são inventados e nem por isso as tornam menos agradáveis. Isso faz com que a comparação da peça sofocliana com o romance tolkieniano se torne mais próxima, pois a vida de Túrin fora totalmente inventada.

[...] o poeta deve ser um construtor de enredos mais do que de versos, uma vez que é poeta devido à imitação e imita acções. E, se lhe acontece escrever sobre factos reais, não é menos poeta por isso: nada impede que alguns factos que realmente aconteceram sejam [possíveis e] verosímeis e é nessa medida que ele é o seu poeta (ARISTÓTELES, 2011, 1451b 28-33).

No capítulo 10 da *Poética*, Aristóteles define o que concebe por enredo simples e enredo complexo:

Considero acção simples aquela que, como foi definido, é coerente e una e em que a mudança de fortuna se produz sem peripécias nem reconhecimento. Será complexa quando a mudança for acompanhada de reconhecimento ou peripécias ou ambas as coisas. E estas coisas



devem surgir da própria estrutura do enredo, de forma a que resultem de acontecimentos anteriores e ocorram de acordo com o princípio da necessidade e da verossimilhança: é muito diferente uma coisa acontecer por causa de outra ou depois de outra (ARISTÓTELES, 2011, 1452a, 12-22).

O enredo complexo possui três partes: peripécia, reconhecimento e sofrimento. Entende-se por peripécia a transformação dos eventos para o seu reverso produzindo o efeito contrário; por reconhecimento a “passagem da ignorância para o conhecimento” ou para amizade ou ódio. Há também outras formas de reconhecimento, sendo o mais belo aquele que acontece concomitantemente com a peripécia: desta forma gera compaixão ou temor, porque do reconhecimento e da peripécia depende que o personagem veja-se na infelicidade ou felicidade. E, por fim, o sofrimento, *pathos*, ação destruidora e dolorosa representado em cena por meio de mortes, dores, ferimentos, entre outros.

Diante das definições do enredo complexo retomaremos alguns dos acontecimentos de *Édipo Rei* e *Os filhos de Húrin* analisando se o romance apresenta peripécias, reconhecimento e sofrimento e se estes ocorrem em conjunto e acarretam compaixão ou temor.

Na peça grega quando Creonte e Édipo se desentendem e Jocasta aparece para compreender a causa do desentendimento ela fica sabendo que a causa da briga é a profecia. Jocasta na tentativa de acalmar Édipo anuncia não acreditar em adivinhos e conta que há muitos anos uma profecia dizia que “seu filho com Laio viria para matar o pai” e mesmo Laio abandonando o filho para morrer no deserto, anos depois bandidos o assassinaram em uma encruzilhada. As palavras da rainha que tinha a intenção de acalmar o rei produz efeito contrário, pois Édipo se sobressalta ao lembrar que anos atrás matara um homem em uma encruzilhada e assim começa a temer que a profecia seja verdadeira.

Outra peripécia é quando no terceiro episódio um mensageiro chega a Tebas para anunciar a Édipo que seu pai Pôlibo, rei de Corinto, morrera e que



ele deveria assumir o trono. Notícia que anima a Jocasta, pois afasta a ideia de que, segundo a profecia, Édipo matará o pai. Porém, tentando diminuir o sofrimento de Édipo da dor de perder o pai, o mensageiro conta a verdade, afirma que Pôlibo era o seu pai adotivo e diz que ele próprio recebera do pastor tebano a criança nas mãos. Tal notícia extingue a esperança de que a profecia não se cumprirá e se mostra a Jocasta como a revelação de que Édipo é a criança que tivera com Laio, o que a faz tentar impedir as investigações. Mais uma vez a intenção da ação se realiza em seu contrário.

A primeira peripécia significativa para Túrin acontece ainda na juventude, quando vivia em Doriath. Lá, um elfo, Saeros, o invejava e a toda oportunidade ele provocava Túrin com sua raiva da raça dos homens. Em dado instante, ao provocar Túrin no salão do rei à mesa dos guerreiros, ele jura matar o herói assim que aparecer o momento oportuno. Mais tarde, ao se preparar para um combate, acreditando que Túrin estava distraído, Saeros ataca-o pelas costas. Entretanto, sempre atento e forte, Túrin consegue se defender e arranca as roupas do elfo com sua espada, ameaçando matá-lo se o alcançar. Completamente desesperado e humilhado o elfo chega à beira de um precipício e, com medo de ser morto pelo homem, acredita que sobreviverá se jogando ao mar, porém erra o pulo e choca-se numa rocha, morrendo. A intenção de humilhar e matar o herói tem o efeito reverso.

Uma segunda ação reversa é quando, já cansado das sombras que o seguem, Túrin, ao chegar às terras de Brethil, onde não o reconhecem, muda seu nome para Turambar – que em elfo significa “Senhor do Destino” – na tentativa de renunciar a seu destino. No entanto, é justamente em tais terras que encontrará sua irmã e, no desconhecimento de seu passado e esquecimento da irmã, os dois se casam.

Voltando à obra aristotélica, ainda resta para a composição complexa de uma tragédia traçar o que se deve ser evitado no enredo. Lembrando que tal trama deve imitar ações e causar temor ou compaixão. Por isso não deve representar homens bons partindo da felicidade para a infelicidade, pois



diferente de suscitar temor ou piedade, suscitará repulsa. Nem mesmo os perversos extremos, ou seja, atravessar da fortuna para a desgraça. Restam os que se encontram entre um e outro, e aqui um perfil de herói trágico surge:

Essas pessoas são tais que não se distinguem nem pela sua virtude nem pela justiça; tão pouco caem no infortúnio devido à sua maldade ou perversidade, mas em consequência de um qualquer erro, integrando-se no número daqueles que gozam de grande fama e prosperidade, como Édipo e Tiestes, ou outros homens ilustres oriundos de famílias com esse mesmo estatuto (ARISTÓTELES, 2011, 1453a 10-17) .

Assim, para um enredo ser bem elaborado a mudança não é da infelicidade para a felicidade, mas se caracteriza da prosperidade para a desgraça e, a partir de um erro grave, cometido por alguém que contenha as características definidoras de um herói trágico. Segundo Aristóteles esta estrutura de tragédia, do ponto de vista da arte poética, é a mais perfeita. Em segundo lugar vem a estrutura considerada dupla, aquela que termina de maneira oposta para os bons e para os maus (cf. ARISTÓTELES, 2011, 1453a).

Já o temor e a compaixão são despertados mediante os acontecimentos. Deste modo, algumas situações que inspiram tais sensações são apontadas no texto. Em primeiro lugar estão aquelas em que as ações que “passam-se entre amigos ou entre inimigos ou então entre pessoas que não são nem uma coisa nem outra” (ARISTÓTELES, 2011, 1453b 20-22). Quando se passam entre inimigos essas ações não movem compaixão, é apenas notado como sofrimento. O mesmo sucede entre as pessoas que não são nem amigas nem inimigas. Entretanto se essas ações ocorrem entre familiares “esses são os casos que devem ser aproveitados”, como por exemplo, o irmão matar ao outro ou qualquer ato do gênero. A tragédia exemplar que Aristóteles tem em mente é *Édipo Rei*, quando se trata de atingir o efeito trágico, na imitação.

Melhor é quando se age na ignorância e se descobre a relação de parentesco depois de o facto se ter consumado: isso não se nos afigura repugnante e o reconhecimento produz o assombro. [...] Por isso, como anteriormente se disse, as tragédias não são sobre um grande número de famílias. Na verdade, os poetas foram procurando e encontraram,



não por arte mas por acaso, o efeito a alcançar nos seus enredos. Tiveram então de se voltar para estas famílias, no seio das quais ocorreram sofrimentos desse gênero. (ARISTÓTELES, 2011, 1454a 1-16).

Uma segunda variação desta circunstância seria quando o ato é praticado em estado de ignorância e só mais tarde se torna conhecido o parentesco. Um terceiro caso é um personagem ao planejar, por ignorância, cometer uma ação irreparável, descobrir a relação de parentesco antes de atuar.

A estrutura dos acontecimentos fica evidente quando observamos que o romance encontra conexão em muitos aspectos da definição da tragédia. Podemos ver que sua estrutura de acontecimentos, parte mais importante da caracterização da tragédia, se assemelha com a definição do enredo de uma tragédia. Primeiramente a não necessidade de o poeta falar de histórias ou nomes conhecidos talvez já se encaixe em uma relação positiva do romance para com uma tragédia. Já que quaisquer personagens – dentro das características de herói trágico –, mesmo que não tenham uma história conhecida, podem representar as ações humanas de vício e virtude. Túrin é um personagem ficcional de uma mitologia também ficcional, mas que representa muito os aspectos humanos que nos remetem à piedade e ao temor.

Segunda semelhança é a presença das peripécias. Quando Túrin tentou realmente abandonar seu passado adotando novo nome e novas atitudes para fugir do seu destino sombrio, é neste momento que um dos acontecimentos mais trágicos do seu destino acontece, o casamento com a própria irmã. Terceiro aspecto é a definição de herói trágico, concebido na ideia de que o personagem tem que partir da prosperidade para a desgraça.

Quarto aspecto são as situações que despertam o temor e a compaixão e a forma como isso melhor acontece: os atos como de assassinato entre amigos e parentes, principalmente quando praticados na ignorância. Relembrando: quando Túrin entorpecido mata o melhor amigo Beleg e após ferir mortalmente reconhece o amigo e quando se casa com a própria irmã e, já no fim, descobre a verdade, acontecimentos que o levam ao sofrimento de forma extrema.



5. CONCLUSÃO

Aristóteles define a tragédia primeiramente como a imitação das ações dos homens em seus vícios e virtudes. Ela será a imitação das ações elevadas, a partir das elocuições e cantos, provocando no espectador as ações de piedade e de temor que o levarão a *catarse*. Ele afirma que a forma como a tragédia se serve é por uma ação e não da narração. Neste ponto, o romance *Os filhos de Húrin* se diferencia da peça *Édipo Rei*.

Além das relações que foram descritas entre a peça e o romance, não podemos esquecer de outras semelhanças entre ambas as obras. Por exemplo, a peste que acomete as cidades natais dos personagens. Também como os outros personagens como os que revelam a verdade de suas vidas, como o criado que transmite a notícia da morte de Jocasta e a automutilação de Édipo e o personagem Bradir que traz a notícia ao seu povo da morte de Nienor e Túrin. A maior semelhança fica evidente no incesto, na peça, entre mãe e filho, e no romance, entre irmãos.

É claro que há uma diferença visível entre a encenação da peça, descrito como elemento relevante na caracterização das tragédias gregas por Aristóteles e o romance aqui comparado. Contudo podemos dizer que toda a estruturação e sua função de purificação que torna a encenação uma tragédia, encontra-se em *Os filhos de Húrin*. Sua estrutura escrita é narrativa e não em peça, mas as características que o enredo, segundo as descritas na *Poética*, remete aos acontecimentos presentes no romance tolkieniano. Conclui-se que a leitura do romance nos lembra as características da tragédia e, principalmente, da tragédia edipiana, sendo possível afirmar que ela traz a nós os sentimentos de compaixão e temor.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.



Revista Pandora Brasil – Número 71, Fevereiro de 2016 – ISSN 2175-3318
Sobre a vida bela: a arte como modo de relação do homem com o mundo __p. 15-29.

SÓFLOCES. **Édipo Rei**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

TOLKIEN, J. R. R. **Os filhos de Húrin**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.



Bruna Oliveira Ferraz

<http://lattes.cnpq.br/1133614017503009>

